

A Escola de Belas Artes de Pelotas Dona Carmen Trápaga Simões e a tradição no ensino de artes

Katia Helena Rodrigues Dias

Resumo

Este artigo apresenta um breve panorama do ensino de artes na cidade de Pelotas/RS. Seus antecedentes estão na segunda metade do século XIX, quando artistas europeus atraídos pela então rica e culta sociedade pelotense chegam e se estabelecem na cidade. Começa assim um processo de ensino particular de artes, o qual formou pessoas de uma elite social que anos mais tarde foram responsáveis pela criação da Escola de Belas Artes. Durante o período de funcionamento da escola, o ensino recebeu influências da arte clássica europeia, cujos princípios de equilíbrio e proporção são utilizados com objetivo de uma representação fiel a modelos da natureza. A escola se configurava através de uma pedagogia tradicional, com prática diretiva no qual o professor, “transmissor de conhecimento e técnicas”, objetivava o aprendizado do aluno.

Palavras-Chave: arte, ensino, tradição clássica.

Introdução

A Escola de Belas Artes de Pelotas Dona Carmem Trápaga Simões funcionou entre os anos de 1949 a 1973, e foi nesse período que o ensino de arte se consolidou na cidade. Antes disso, desde o final do século XIX até praticamente o final da década de 40 do século XX, a arte era ensinada por intermédio do artista, detentor das técnicas, que as transmitia diretamente ao seu aprendiz. Muitos desses artistas eram estrangeiros ou de outras localidades brasileiras que vinham e se estabeleciam na cidade, região que vivia tempos de riqueza e prosperidade em virtude da crescente economia rural das charqueadas. Esses artistas, além de receber encomendas para, em geral, retratar a classe social rica e dominante, encontraram campo de atuação no ensino particular, geralmente de pintura, contexto no qual surgiram os primeiros locais de ensino da arte – os ateliês.

A importância dos ateliês para a cidade de Pelotas foi fundamental para um início, mesmo que informal, do ensino da arte, um ensino com influências diretas da arte europeia de tradição clássica a qual era aceita e consagrada pela elite social pelotense. Foi a partir dessas circunstâncias que as artes plásticas, e seu ensino, tiveram seu início em Pelotas.

Na década de 1870, chegaram à cidade dois artistas europeus de grande importância para o ensino de artes, foram eles o italiano Frederico Trebbi e o espanhol Guilherme Litran. Ambos

pertencentes à escola neoclássica¹, através de suas aulas eles foram responsáveis pela inserção de um gosto pelo estilo classicista/academicista na sociedade pelotense. Durante os mais de 50 anos de atividade na cidade, Frederico Trebbi teve como alunos Leopoldo Gotuzzo e Marina de Moraes Pires, duas pessoas que, no futuro, teriam forte ligação com a Escola de Belas Artes. Marina Pires foi a idealizadora e diretora da instituição durante os 23 anos de sua existência e Leopoldo Gotuzzo, seu patrono vitalício.

As bases do ensino na EBA

Desde a fundação da escola, em março de 1949, o ensino esteve aliado à pedagogia tradicional e foi alicerçado nos moldes do academicismo. Segundo (Cavalcanti, 1969), os princípios estéticos do classicismo greco-romano foram transformados em métodos e processos didáticos adotados pelas academias de artes plásticas. Esse estilo vinha ao encontro dos conceitos conservadores dos dirigentes da escola. Marina Pires, por exemplo, provinha de uma camada social que, mesmo não dispondo mais de tanta riqueza econômica, procurava manter seu *status* e poder ideológico.

Uma escola de arte com ensino tradicional pressupunha uma prática diretiva de ensino, na qual existe a presença de dois agentes: o professor como agente ativo, detentor de um saber e transmissor do conhecimento, e o aluno como agente passivo, que recebe, aprende e desenvolve certas habilidades por intermédio do professor (Libâneo, 1992).

Na arte, a prática pedagógica tradicional fixou como padrão de beleza a *mimesis* da natureza, portanto, o seu aprendizado compreendia a cópia de um modelo. Dessa maneira, o seu ensino era baseado nos princípios da Antiguidade Clássica, no qual a perfeição de uma obra estava alicerçada em regras de equilíbrio e proporção, com objetivo de obter uma representação fiel de recortes do mundo.

Entre os muitos professores que atuaram na Escola de Belas Artes, cito a presença do artista italiano Aldo Locatelli como fundamental na constituição da mesma. Artista de formação acadêmica, reconhecido na Europa pela qualidade de suas obras, veio à cidade a convite do Bispo de Pelotas, Dom Antônio Zattera, para realizar pinturas murais da Catedral São Francisco de Paula. Na mesma ocasião, recebeu convite de Marina Pires para a primeira formação do corpo docente da EBA. A exemplo de Locatelli, outros professores artistas atuaram de forma

¹ Movimento artístico-cultural surgido na Europa no século XVIII no qual houve uma retomada de valores estéticos advindos da antiguidade clássica, especialmente greco-romana, fundamentada em princípios de equilíbrio, clareza e proporção. Graças ao ensino de técnicas e regras, a estética neoclássica tendia a representar fielmente, objetivando uma arte ideal (Baumgart, 1999).

diretiva, modelo de pedagogia tradicional, em que o professor detém um saber e o transmite ao seu aprendiz-aluno.

A Escola de Belas Artes de Pelotas, assim como em muitas cidades brasileiras, fundamentava suas bases no estilo neoclássico, assemelhando-se ao ensino praticado na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro². Cabe ressaltar que, entre 1949 e 1973, a orientação da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, assim como outras instituições brasileiras de ensino da arte, já havia substituído o rigor neoclássico por uma nova tendência estética.

Naquele momento histórico, as décadas de 1950 e 1960, o Brasil vivenciava um período historicamente conhecido como modernista. Os grandes centros urbanos, São Paulo e Rio de Janeiro, com seus sistemas artísticos já consolidados, exibiam o legado da Semana de 22, evento que marcou o rompimento com a arte academicista. Em 1951, aconteceu a primeira Bienal de Artes de São Paulo, princípio inovador pelo qual surgiram os movimentos vanguardistas da arte concreta no Brasil. O concretismo, em suas vertentes poéticas, musicais e plásticas, trouxe um radical afastamento com relação à tradição lírica fincada no sentimentalismo. O termo “arte concreta” foi empregado para designar a arte construída objetivamente, racionalmente. Artistas construía uma nova estrutura de cor e espaço com seus jogos cromáticos geométricos, o alto-contraste, além do uso intenso de linhas retas que se cruzam ou buscam o infinito através da utilização de recursos gráficos. As vanguardas concretistas nasceram imbuídas do espírito de construção inerente ao pós-guerra. Isto posto, percebemos uma grande diferença estilística na produção artística pelotense em relação aos demais centros urbanos brasileiros.

Assim, enquanto o ensino artístico se legitimava em Pelotas, ao mesmo tempo ignorava os movimentos modernistas, em grande parte abstracionista, em pleno desenvolvimento nos principais centros urbanos brasileiros. Ao longo dos seus 23 anos de existência, a EBA integrou o legado artístico regional, difundindo o fazer artístico mais amplamente, mas correndo ao largo das tendências praticadas nos grandes centros. Situação só revertida quando do surgimento do Instituto de Artes. Mesmo assim, mais de uma década foi necessária para que os conceitos artísticos tradicionais fossem questionados.

² Criada em 1816, no período colonial brasileiro, a partir de 1822 no Brasil Império foi denominada Academia Imperial de Belas Artes e desde o Período Republicano é conhecida como Escola Nacional de Belas Artes. Atualmente integra a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), conhecida como Escola de Belas Artes. Na sua origem, a exemplo da arte européia, a escola privilegiou o estilo acadêmico neoclássico, o ensino seguindo moldes acadêmicos (Pevsner, 2005).

Estrutura curricular e a ênfase no desenho

A partir de consultas e pesquisas já realizadas sobre acervo da Escola de Belas Artes, salvaguardado pelo Museu de Artes Leopoldo Gotuzzo, foi possível fazer um levantamento sobre a estruturação do curso durante os seus mais de 20 anos de funcionamento.

O programa de ensino da EBA foi estruturado a partir das diretrizes seguidas pela Escola Nacional de Belas Artes, compreendendo os cursos de desenho e pintura, escultura, gravura e arte decorativa (Diniz, 1996).

No ensino de artes plásticas, o desenho destacava-se como uma das principais disciplinas curriculares. A área de desenho se encarregava de preparar os alunos, para que, a partir do terceiro ano, pudessem optar por escultura, pintura ou, posteriormente, gravura. Dessa forma, o ensino de desenho tornou-se a base para o desenvolvimento artístico dos alunos da EBA.

O ingresso ao curso era anual e os ingressantes não precisavam apresentar conclusão do ensino médio para se matricularem. Assim sendo, o mais comum era que os apreciadores de arte, ou aqueles que manifestavam alguma vontade de praticá-la, ingressassem no curso para ali aprenderem e aperfeiçoarem técnicas artísticas. Nessa perspectiva, o quadro de alunos era em sua maioria composto por mulheres de ampla faixa etária. Para efetuar a matrícula, o candidato deveria prestar um concurso de habilitação nas disciplinas de desenho geométrico, modelagem, desenho do gesso e do natural.

De acordo com as fontes documentais relativas à escola, inicialmente o curso de artes durava cinco anos. Em regimento interno, datado em 1961, constam dados concretos acerca do ajuste do curso para quatro anos. Apesar da significativa diminuição de carga horária, a maioria das disciplinas se manteve, exceto desenho de croquis, teoria da conservação e restauração de pinturas, que foram suprimidas do currículo. A disciplina de desenho artístico teve apenas o nome alterado, para uma melhor adequação dos conteúdos aplicados, passando a chamar-se desenho do gesso e do natural. A tabela a seguir ilustra a grade curricular desses dois momentos:

TABELA DE DISCIPLINAS EBA

	1949	1960
1º ano	Desenho Artístico Modelagem Geometria Descritiva Arquitetura Analítica	Desenho do Gesso e do Natural Modelagem Geometria Descritiva Anatomia e Fisiologia Artística
2º ano	Desenho Artístico Modelagem Anatomia e Fisiologia Artística Perspectiva e Sombra	Desenho do Gesso e do Natural Modelagem Anatomia e Fisiologia Artística Perspectiva e Sombra
3º ano	Desenho do Modelo Vivo Desenho de Croquis Composição Decorativa Pintura, Escultura ou Gravura	Desenho do Modelo Vivo História da Arte e Estética Composição Decorativa Pintura, Escultura ou Gravura
4º ano	Desenho do Modelo Vivo História da Arte e Estética Composição Decorativa Pintura, Escultura ou Gravura	Desenho do Modelo Vivo História da Arte e Estética Arquitetura Analítica Pintura, Escultura ou Gravura
5º ano	Desenho do Modelo Vivo História da Arte e Estética Teoria, Conservação e Restauração da Pintura Pintura, Escultura ou Gravura	- - - -

Com base nas grades curriculares, nota-se que a maioria das disciplinas privilegiava a prática, sendo que as aulas de desenho ocorriam ao longo de todo o curso. Na constituição das aulas de desenho e pintura, a prática de natureza-morta e desenho anatômico acontecia nos dois primeiros anos do curso, e logo em seguida, vinha a elaboração de retratos e modelo vivo, evidenciando, dessa maneira, a necessidade da presença de um professor ligado “ao mundo da arte”. Ao longo de sua trajetória, foi marcante a presença de muitos artistas no quadro docente, vários deles renomados, como exemplo, citaria Antônio Caringi, Nestor Marques Rodrigues, (conhecido como Nesmaro), entre outros que por ali passaram, representando uma única fonte de saber.

As aulas de desenho (Figura 1) seguiam os padrões clássicos, nos quais os valores estéticos da antiguidade clássica, especialmente greco-romana, eram fundamentados em princípios de equilíbrio, clareza e proporção. Sendo assim, através de técnicas e regras, o objetivo do ensino era alcançar uma arte ideal, ou seja, representação fiel da realidade (Figura 2). A perfeição seria alcançada quando o trabalho do aluno atingisse a maior fidelidade com relação ao objeto observado. Essa tendência neoclássica prevalecia, aliando-se aos valores de uma elite social dominante. Afinal, eram os membros da elite que desenhavam e produziam arte e a eles próprios essa arte era direcionada.



Figura 1 - Aula de desenho em 1967. Fonte: Arquivo Histórico da UFPel/MALG



Figura 2 Exposição de alunos em 1951. Fonte: Arquivo Histórico da UFPel/MALG

A aula de desenho artístico tinha como objetivo fornecer aos alunos conceitos básicos de estruturação do desenho, bem como noções de proporção e composição, além da experimentação de diversos materiais. Essa disciplina era oferecida nos dois primeiros anos do curso, juntamente com outras co-relacionadas, tais como desenho geométrico, arquitetura analítica, fisiologia artística e perspectiva e sombra.

As aulas de desenho geométrico e arquitetura analítica capacitavam os alunos a uma formação do desenho previamente calculado e preciso, levando em consideração regras de escala e proporção. O aluno deveria ser capaz de projetar objetos tridimensionais, elementos arquitetônicos e edifícios. Com o estudo de perspectiva e sombras ele recebia noções específicas para elaborar desenhos mais realísticos, apoiados em regras para obter diversos planos e profundidades no plano bidimensional, bem como para projetar a sombra de objetos conforme a incidência da luz. Como os próprios nomes das disciplinas esclarecem, anatomia e fisiologia artística cuidavam da divisão, estruturação e proporção do corpo humano e de alguns animais. Nessa disciplina aprendia-se a estruturar um desenho simetricamente a partir de uma divisão matemática e analítica do corpo ou parte dele a ser reproduzida.

Durante os dois primeiros anos, a atenção se voltava quase que exclusivamente à prática de desenho. O aluno deveria saber estruturar todo tipo de desenho: figuras humanas, retratos, prédios, objetos, paisagens etc. Para tanto, a técnica era aprimorada pelo constante exercício prático.

A partir do terceiro ano, iniciavam-se as aulas de desenho do modelo vivo, conhecido também como desenho de modelo (Figura 3). E era naquele estágio do curso que os alunos deveriam escolher entre uma das seguintes opções oferecidas: escultura ou pintura. Alguns anos mais tarde, a gravura passaria a integrar o currículo.

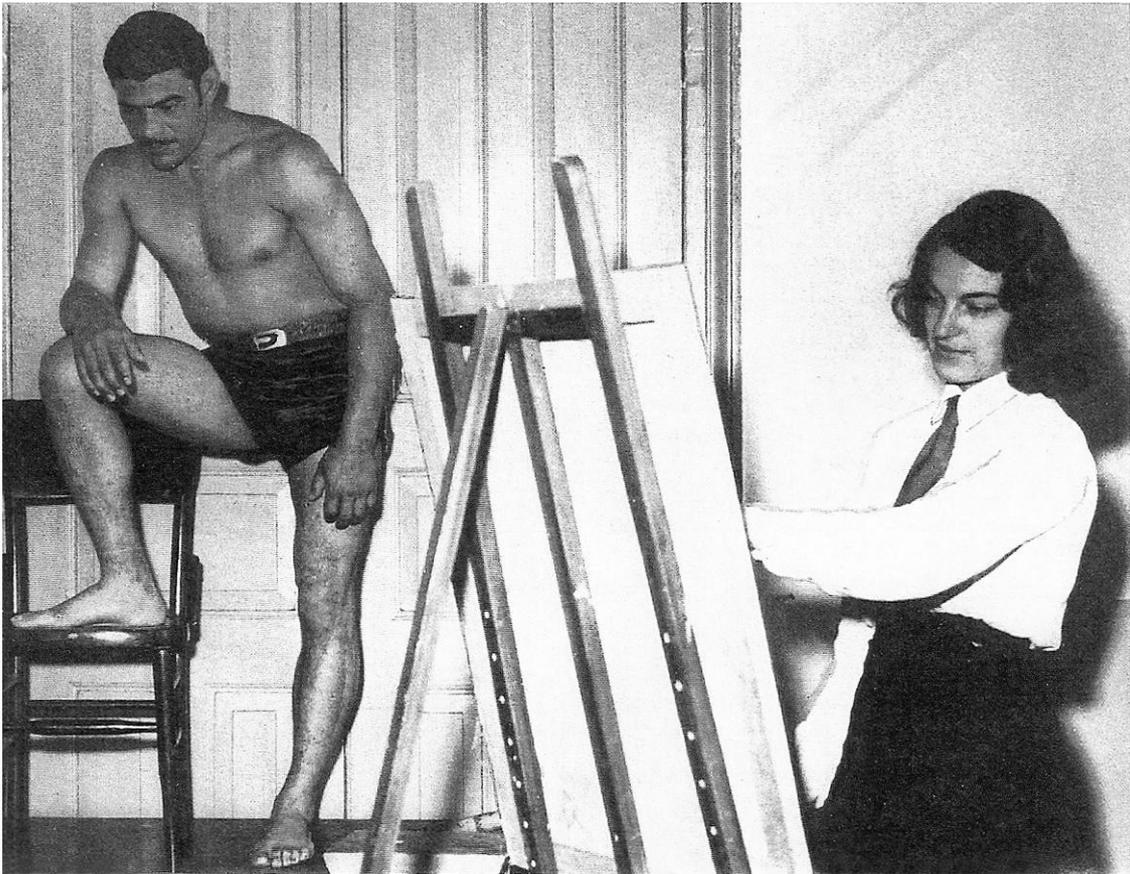


Figura 3 – Aula de desenho de modelo vivo, 1951. Aluna Maria Luiza Pereira Lima e o modelo conhecido como “Tarzan”. Fonte: Coleção particular da aluna.

As aulas de desenho vivo seguiam o mesmo padrão clássico. Para ser considerado bom, o desenho tinha de ser o mais fiel e idêntico ao modelo observado e a avaliação era feita de acordo com esses preceitos.

Durante o curso de artes na EBA, ao todo eram ofertadas, em caráter obrigatório, sete disciplinas de desenho: desenho artístico (posteriormente desenho do gesso e do natural), desenho geométrico, arquitetura analítica, anatomia e fisiologia artística, perspectiva e sombra, desenho de modelo vivo e desenho de croquis. Este último, somente nos primeiros anos do curso.

A importância dada ao ensino de desenho, de forma enfática e contínua durante todo o período do curso de artes da EBA, resultava no apuro técnico verificado nos trabalhos produzidos por seus alunos. Trabalhos que integravam exposições periódicas promovidas pela instituição, abertas à visitação pública e amplamente registradas por meio de fotografias e reportagens na imprensa.

Considerações finais

A criação de uma escola de nível superior em artes plásticas na cidade de Pelotas aconteceu em um momento em que outros importantes centros urbanos despontavam as vanguardas artísticas. A escola, porém, seguiu com seus princípios ideológicos alicerçados nos preceitos da tradição clássica. Assim também aconteceu no passado, quando surgiram as primeiras escolas de belas artes no Brasil, todas elas com suas raízes bem fincadas no academicismo e estilo clássico. Nesse sentido, a EBA teve a mesma origem de outras escolas de arte, porém ela permaneceu durante toda a sua existência fortemente arraigada no classicismo, diferentemente das demais que tiveram na sua produção artística uma maior variedade de estilos.

Na época, São Paulo e Rio de Janeiro formavam o maior eixo de produção cultural e artística do país. Sabe-se, também que Marina Pires, diretora da EBA, Marina Pires, bem como seu patrono Leopoldo Gotuzzo e muitos professores freqüentavam aqueles centros. Conclui-se dessa maneira que não era por falta de informação ou acesso que as novas tendências artísticas não tiveram espaço dentro da instituição.

Ao longo de seu funcionamento, a EBA manteve suas diretrizes de ensino aliadas à pedagogia tradicional e à prática diretiva como única forma de aprendizado. Nessa perspectiva, o professor era agente ativo e o aluno o receptor de aprendizados. Com base nisso, o ensino de arte na EBA não pretendia romper com os padrões clássicos longamente estabelecidos. Ao longo dos seus 23 anos de existência, a escola sempre buscou a estabilidade dos preceitos artísticos clássicos, mesmo que sob pena de passar ao largo de quaisquer iniciativas mais dinâmicas e renovadoras.

Referências

- BAUMGART, Fritz. *Breve História da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- CAVALCANTI, Carlos. O Predomínio do Academismo Neoclássico. In: PONTUAL, Robert. *Dicionário das Artes Plásticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.
- DINIZ, Carmen Regina Bauer. *Nos Descaminhos do Imaginário: A tradição acadêmica nas artes plásticas de Pelotas*. Dissertação, Mestrado, UFRGS, 1996
- LIBÂNEO, José Carlos. Saber, saber ser, saber fazer – o conteúdo do fazer pedagógico. *Revista da Associação Nacional de Educação*. An. N°4. Ano: 1992.
- PEVSNER, Nikolaus. *Academias de Arte: passado e presente*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

Autora**Katia Helena Rodrigues Dias**

Graduada em artes visuais – modalidade licenciatura pelo Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas e atualmente é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas.